ELOGIO DO LIVRO E DA LEITURA

Cândido Oliveira Martins *

Ler muito é um dos caminhos para a originalidade; uma pessoa é tão mais original e peculiar quanto mais conhecer o que disseram os outros.
(Miguel de Unamuno)

1

Nunca é demais reflectir sobre o lugar do livro e da leitura no mundo actual. As ameaças e os desafios à sua importância, bem como a atmosfera geral de uma certa crise dos hábitos leitura, são hoje temas bastante debatidos.

Numa sociedade evoluída, mostra-se essencial a existência de cidadãos esclarecidos, aptos a exercer os seus direitos de cidadania. Para isso, é fundamental que todos tenham salutares hábitos de leitura. É indispensável que se gere, desde a aprendizagem mais elementar, uma verdadeira educação do gosto pela leitura, à luz da activa valorização do rico património literário e de uma dinâmica cultura da literacia.

A pretexto da celebração do Dia Mundial do Livro (23 de Abril), e dentro do espírito do Plano Nacional de Leitura, impõe-se reiterar o imprescindível lugar do livro e da prática da leitura. Mais prioritário do que elaborar um bonito decálogo dos direitos do leitor contemporâneo, talvez seja enumerar, ainda que de modo rápido e correntio, algumas das principais motivações ou finalidades da prática da leitura, hoje e sempre.

---

* Professor da Universidade Católica Portuguesa (Braga > contactos: cmartins@braga.ucp.pt | martins.candido@gmail.com). Tem colaborado em júris do Concurso Nacional de Leitura, promovido pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) do Ministério da Cultura, no âmbito do Plano Nacional de Leitura. O presente texto é um excerto (adaptado) do estudo publicado pela Universidade de Aveiro em 2008, numa obra colectiva intitulada *Ofícios do Livro*.

Não faltam sentidos elogios da magia do livro e da leitura, onde o interessado pode aprofundar este tópico e colher lições sobre a ampla funcionalidade da leitura.

Através do livro, todos aprendemos a ler e a contar, a escrever e a pensar; através do livro, aprendemos a conhecer os grandes pensadores e os escritores clássicos; através do livro, aprendemos a conhecer os grandes textos sagrados; através do livro, aprendemos as lições da história e os avanços da ciência; através do livro, aprendemos os grandes valores que regem as sociedades modernas; através do livro, aprendemos a sonhar outros mundos e pensar utopias; através do livro, aprendemos a rir e a chorar, a rezar ou a amar; através do livro aprendemos descobrir o que nos cerca e a descobrimo-nos a nós próprios. O livro e a leitura são instrumentos essenciais de exercício de inteligência e de ginástica mental, de comunicação e de informação. Afinal, o livro e a leitura moldaram definitivamente a nossa memória e identidade individuais e colectivas, bem como a nossa visão do mundo.

Opostamente, quem não lê, atrofia-se do ponto de vista linguístico, estético e cultural; quem não lê, regride na sua capacidade de pensar o que o rodeia; quem não lê, está condenado a viver à margem do seu tempo; quem não lê, vive e morre seguramente mais pobre. Deste modo, ler não é um luxo, é um dever, uma necessidade básica, um direito elementar, um hábito imprescindível. Ler não é apenas um mero passatempo; é antes um alimento intelectual – Aristóteles afirmou: "Um livro é um animal vivo"; Santo Agostinho chamou-lhe "alimento do espírito"; e João de Barros, "mercadoria espiritual". Os livros são objectos pequenos, mas cheios de mundo (Romano Guardini).

Haverá certamente tantos motivos ou razões justificativas da leitura quantos os leitores ou as situações de leitura. Podem variar significativamente os suportes físicos da leitura (das antiquíssimas placas de argila e dos rolos de pergaminho aos velhos códices medievais; do texto impresso ao actual hipertexto, passando pelo áudio-livro e pelo *ebook*). Podem variar as estratégias de intervenção e as actividades conducentes à motivação da prática da leitura. Podem alterar-se, mesmo significativamente, as imagens sociais atribuídas ao papel do livro e da leitura. Mas o livro continuará a ser um objecto ímpar de prazer; uma fonte insubstituível de informação; um meio de comunicação que lemos, e anotamos, guardamos e revisitamos, emprestamos e oferecemos, etc.

Em todo o caso, vale a pena elencar algumas dessas motivações, numa tipologia sem preocupação de exaustividade, mas antes conduzida por objectivos evidentes – constituir uma sentida apologia do acto da leitura. Afinal, no passado como na actualidade, por que é preciso ler? Lê-se para quê? Enumeremos algumas causas ou razões.

2

Lê-se como forma de desenvolvimento da inteligência humana, uma vez que a actividade da leitura, enquanto forma de comunicação diferida, exercita múltiplas capacidades e aptidões do ser humano. Estudos mais ou menos recentes, descrevem as múltiplas facetas da leitura como actividade complexa e plural, pois se trata de um processo simultaneamente neuro-fisiológico (operação de percepção de signos), cognitivo (actividade de compreensão), afectivo (emoções desencadeadas), argumentativo (potencialidade ilocutória) e simbólico (relação com a cultura e o imaginário).

Lê-se para alimentar uma congenial fome de imaginário, uma necessidade inata de histórias e das emoções correspondentes, pois o homem é um animal simbólico e efabulador por natureza, como lembra Umberto Eco, já que têm necessidade de ouvir e de contar histórias, desde o nascimento até à morte "Ler, ler, ler a vida que outros sonharam" (Miguel de Unamuno).[1]

Lê-se, entrando sobretudo nos intermináveis bosques da ficção, para viajar no tempo e no espaço, para sonhar outras vidas e outras psicologias, outras culturas e outros mundos, pela fascinação do estranho, como meio de auto-conhecimento e de reencontro consigo mesmo (Emerson), pelo poder modelizante dos universos narrativos e dos seus sedutores protocolos ficcionais.

Lê-se pela sedução da experiência estética, pela capacidade que certas criações têm de nos emocionar e de despertar sentimentos – «lecture, mon doux plasir» (Paul Moran) –, de libertar e de comover pela beleza e harmonia da sua composição, numa magia encantatória que nos leva à frequente releitura, marca indiscutível das obras a que chamamos «clássicos». Aliás, nunca repetimos a mesma leitura do mesmo livro, porque somos sempre diferentes no acto concreto da leitura. Ou dito de outro modo: "Não se pode ler um livro: pode-se apenas relê-lo. Um bom leitor, um leitor criador e activo é um re-leitor" (Vladimir Nabokov).

Lê-se para aumento do domínio da linguagem e das suas criações, enquanto poderoso e incontornável instrumento de comunicação humana, uma vez que a nossa comunicação é eminentemente linguística e logocêntrica: «A riqueza léxica, a argumentação, a explicação, a expressão dos próprios sentimentos, a compreensão dos alheios, a liberdade de pensamento, adquirem-se pela leitura» (José António Marina). Ao mesmo tempo, sabemos como se influencia mutuamente o desenvolvimento das duas competências – competência linguística e competência leitora.

---

[1] Isso não significa necessariamente que o leque de leituras do ser humano se circunscreve a certos modos ou géneros literários (narrativa, teatro e poesia), alargando-se antes a diversos tipologias de géneros e de discursos, desde o literário ao não-literário (biografia, crónica, história, filosofia, ensaio, documentário, ciência, etc.).

Lê-se para nos expressarmos melhor, oralmente e por escrito, para comunicar e argumentar de forma mais correcta e clara, com maior eficácia e persuasão, para fundamentar melhor as nossas ideias e pontos de vista, numa lição de maturidade e de civismo na convivência quotidiana: «Como dizia Popper, convém que as opiniões se enfrentem para que não tenham que enfrentar-se as pessoas» (J. A. Marina). Um homem lido é certamente um cidadão mais maduro e mais livre.

Lê-se para termos opiniões e para tomarmos decisões, para estarmos mais informados sobre o que nos rodeia, sendo deste modo a leitura uma fonte insubstituível de instrução e desenvolvimento do sentido crítico; a maturidade e evolução de uma democracia mede-se pelo tipo de informação e pela capacidade judicativa das pessoas, pelo que a leitura está indissociavelmente ligada ao pleno exercício da cidadania, e esta não se coaduna com preocupantes taxas de iliteracia.

Lê-se para superar a ignorância e tomar consciência do valor da liberdade de pensamento e da capacidade do ser humano para pensar ilustradamente pela sua cabeça (Kant) – não é por acaso que, mais no passado que no presente, certos poderes ditatoriais ou religiosos demonizaram e proibiram mesmo, de modo fundamentalista, prática da a leitura de certos livros, ou os queimaram em praça pública.

Lê-se por acreditar na força social do livro, da informação e da literatura em particular. O romântico Shelley chamava aos poetas os legisladores ocultos do mundo. Ao longo dos tempos, a escrita sempre teve um poder de transformação prometaica das consciências, das mentalidades e da realidade social, tendo desempenhado um papel determinante em grandes momentos como revoluções históricas. Fiel a uma ideia de compromisso social, a literatura em geral ou a chamada literatura de ideias (ensaio, filosofia, textos doutrinários) estiveram ao serviço de causas – arte social ou empenhada –, com maior ou menor sentido de missão e de militância social ou ideológica, por oposição à arte pela arte.

Lê-se para descobrir constantemente a expressividade da linguagem, as suas ilimitadas capacidades metafóricas e simbólicas, num processo de auto-alimentação constante: desde os leitores mais jovens, quanto maior é quantidade de leituras, maior é a capacidade de compreensão e mais apetrechada se mostra a capacidade crítico-hermenêutica[2].

Lê-se para enriquecimento da memória, porque afinal os livros ou outros suportes são veículos de informação ou guardiões de uma sabedoria que se pretende guardar

[2] Está por demais demonstrado que os bons hábitos de leitura existentes, desde bem cedo, no ambiente familiar, melhoram de modo decisivo a aquisição e a compreensão da linguagem. É evidente que esta constatação coloca à escola o enorme desafio das profundas díspares desigualdades sócio-culturais das origens familiares dos alunos. No leitor mais exigente e culto, os hábitos de leitura e certa maturidade crítica, permitem-se a difícil arte da escolha e da avaliação judicativa.

– como diziam os latinos, em conhecido provérbio, «Verba volant, scripta manent» (As palavras voam, o escrito permanece). Falando em memória, os livros sempre falam de outros livros, num permanente diálogo intertextual, configurando uma biblioteca interminável que nos lembra as criações alegóricas de Jorge Luís Borges ou Umberto Eco[3]. Como lembra Marguerite Yourcenar: "Nunca nos entregaremos suficientemente ao trabalho apaixonante que consiste em aproximar os textos".

Lê-se para atingir certas epifanias e alcançar a serenidade (como inscrito nos vitrais da catedral de Winchester: «Study to be quiet»), o mais das vezes como acto silencioso, solitário e íntimo, embora o livro constitua uma solidão a dois, um companheiro com que se pode sempre contar nos momentos mais diversos – «É um silêncio vibrante e uma solidão povoada pela vida da palavra» (G. Steiner). Mas é uma quietude fortificante, que alimenta e fortifica o intelecto. Já há muito tempo se repete que a leitura constitui o alimento do espírito humano.

Lê-se por obrigação ou por razões profissionais – desde os alunos em idade escolar aos profissionais de diversas áreas (professores, advogados, jornalistas, etc.). É consabido que o carácter «obrigatório» da leitura se é cumprido pelo leitor adulto no âmbito dos seus afazeres profissionais, já se torna mais problemático e desafiador no contexto educativo da escola, onde as leituras impostas aos mais jovens pelos programas curriculares encontram algumas resistências naturais que é urgente superar.

Lê-se pelo prazer de contrariar interditos e proibições, mais no passado do que no presente, e também mais em certas etapas da vida do que noutras. Como comprovam múltiplas memórias de leitores célebres ou comuns, toda a interdição, seja moral ou de que natureza for, sempre funcionou como elemento motivador da leitura. Afinal, o fruto proibido é sempre mais apetecido…

Lê-se também como simples passatempo, como forma de divertimento, de evasão e de refúgio, para passar o tempo nas mais diversas situações quotidianas (em momentos livres do dia, à noite, em férias, etc.). Este agradável *dolce far niente* ou ócio criativo da leitura despreocupada pode constituir uma das mais interessantes ocupações, naqueles momentos em que não apetece fazer mais nada. Essa pode ser uma das leituras mais prazerosas, porque livre de qualquer tipo de imposições: "Leio para aumentar o meu coração e não para ter o gosto de contemplar como as regras da gramática se cumprem uma vez mais nas páginas do livro". Ler por prazer.

---

[3] Neste sentido, as bibliotecas de toda a história da humanidade seriam as grandes depositárias do saber produzido e acumulado pelo ser humano no passar dos séculos. Conta-se que alguns leitores viciados não conseguiam prescindir desse saber materializado no livro: «(…) no século X, na Pérsia, o vizir al-Sahib ibn Abad al-Qasim Ismail, que viajava pelo deserto com a sua colecção de 117 000 volumes, transportados em quatrocentos camelos adestrados para caminhar por ordem alfabética» (J. A. Marina).

Lê-se por imitação de outros leitores – pais, professores, intelectuais, figuras públicas, amigos, etc. –, cujo exemplo ou obra admiramos. Desde criança que o ser humano nasce e se desenvolve através de uma tendência inata para a imitação de comportamentos ou atitudes. Neste como noutros domínios, certos exemplos movem muito mais do que belos discursos. Porém, quando no espaço da família ou do contexto escolar faltam esses modelos, falham necessariamente uma importante fonte de criação de bons hábitos de leitura.

Lê-se por amor ao livro como objecto físico e artístico, pela sedução do seu aspecto gráfico (capa, *design*, tipo de letra, ilustrações, etc.), do toque do seu papel, do cheiro que dele emana, como os amantes do livro sempre experimentam, a começar pelos bibliófilos e pelos coleccionadores.

Lê-se para fundamentar determinadas leituras crítico-interpretativas, sabendo que nem todas as interpretações de um texto são possíveis, como o demonstram vários estudiosos. "Quantos ledores, tantas as sentenças" (Sá de Miranda). Porém, há uma ética da leitura que leva a desenvolver interpretações legitimadas pelo texto, dentro de uma pluralidade limitada, pondo assim limites à ideia de "obra aberta". A competência leitora integra também esta capacidade crítica, em que o leitor competente – dentro de certos limites – é co-construtor dos significados textuais. E essa capacidade crítica pode educar-se e amadurecer através da leitura de uma grande variedade de livros: "É preciso folhear maus livros, esquadrinhar os bons" (Jules Renard).

Lê-se por acreditar ainda na imortalidade da palavra escrita perante a inexorável passagem do tempo (*ars longa, vita brevis*), sobretudo na perenidade de certos géneros criativos (da literatura à filosofia), cuja letra é um monumento mais perene que o bronze, para evocarmos o célebre axioma horaciano; por acreditar na autoridade (*auctoritas*) dos admirados clássicos antigos e modernos, lidos com atenção apaixonada, e cuja maior prova de amor é saber *de cor* (saber pelo coração), ainda que parcialmente[4].

Lê-se, *last but not least*, por influência da crítica literária; ou, mais ainda, por pressão da publicidade, uma vez que o livro (tal como outros suportes de leitura e de informação) é cada vez mais um mercadoria cultural, sujeito às leis da oferta e da procura. Assim sendo, é promovido por organizadas campanhas de marketing promocional da indústria livreira, através dos influentes *mass media*, com destaque para a imprensa, televisão e internet, com todas as consequências conhecidas dessas formas persuasivas de promoção, massificada, mediática e sob o signo da moda efémera.

---

[4] «O mármore desfaz-se, o bronze deteriora-se, mas as palavras – aparentemente o mais frágil dos meios – sobrevivem.» (G. Steiner). Só quem educa o gosto estético é capaz deste amor à criação artístico-literária: "Porque quem não sabe arte, não na estima" (Luís de Camões).

3

Em suma, na história da humanidade, a leitura sempre foi e deve continuar a ser uma actividade que envolve múltiplas e insubstituíveis faculdades (linguística, cognitiva, crítico-judicativa, memória, etc.). Lemos porque reconhecemos no papel central do livro e da leitura para o desenvolvimento de múltiplas competências. Lemos porque também aceitamos que, no acto in-voluntário da leitura, encontraremos a resposta desejada a muitos das nossas necessidades e inquietações, como disse o poeta Carlos Queiroz: "Há um livro singular / Publicado não sei onde, / Cuja leitura é um bálsamo / Para todos os anseios"; ou como formulado pelo romancista Claude Mauriac: "Tenho muitas vezes observado este facto curioso: um livro, tomado ao acaso, traz-me sempre ecos das minhas actuais preocupações". Lemos mesmo sabendo a imensidade do que há para ler, sem esmorecimento, antes com entusiasmo; mesmo até quando temos a consciência das limitações físicas ou temporais: "Entrei numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para metade da livraria" (J. Almada Negreiros)[5].

Os prazeres e os proveitos da leitura são igualmente plurais e indispensáveis: lemos para saber e estar informados; lemos para conhecer e dominar a língua, solidificando as competências linguística e literária; lemos para compreender e para reflectir; lemos para interpretarmos e sentirmos emoção estética; lemos para comunicar e para partilhar; lemos para ajuizar e para argumentar; lemos para nos comovermos e para sonharmos; lemos para sermos cidadãos mais habilitados a exercer direitos e deveres; lemos para aumentar o nosso capital simbólico tão necessário na interacção social; lemos para conhecer o mundo, os outros e a nós próprios; lemos porque só assim o texto alcança uma existência comunicante e significativa.

[5] A quantidade de livros que lemos e vamos acumulando, sobretudo no caso de certos leitores profissionais e mais vorazes, pode constituir um problema, dado o espaço que eles ocupam nas bibliotecas individuais. Daí a advertência de Séneca, que não convencerá muitos desses leitores: "Já que não podemos ler tantos livros quanto os que podemos ter, basta que tenhamos tantos quantos possamos ter".

Bibliografia:

AZEVEDO, Fernando (2007), coord. *Formar Leitores: das Teorias às Práticas*. Lisboa: Lidel.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal / SEGRÉ, Monique (2007), *Sociologie de la Lecture*. Paris. La Découverte.

JOUVE, Vincent (1993), *La Lecture*. Paris: Hachette.

MANGUEL, Alberto (1998), *Uma História da Leitura*. Lisboa: Presença.

MARINA, José Antonio/ VÁLGOMA, María de la (2007), *A Magia de Ler*. Lisboa: Ambar.

REIS, Carlos (2007), «O *day after* de uma crise: novos horizontes da leitura», AA. VV., *Novos Horizontes das Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia, pp. 67-88.

STEINER, George (2003), «O Leitor Incomum», *Paixão Intacta*. Lisboa, Relógio d'Água.

ZILBERMAN, Regina (2001), *Fim do Livro, Fim dos leitores?* São Paulo: Ed. Senac.